

Silvia Henrique

Carrasqueira

**arquivo vivo de
Paranapiacaba**



Uma história de vida que esclarece muitos detalhes sobre a Vila, para pessoas que pensam que as coisas eram mais difíceis nos tempos antigos, e, por outro lado, para aquelas que conhecem Paranapiacaba, hoje, e nem imaginam a sua grandeza no passado. Estamos falando de 1923, quando a economia do local servia de referência ao resto do País, mesmo ano em que nasceu nossa entrevistada.

Nascida em Paranapiacaba, Silvia Henrique Carrasqueira, hoje, escritora e artista plástica, teve dois filhos e foi casada por 49 anos com João Dias Carrasqueira Filho, ele vereador de Santo André durante 12 anos e vice-prefeito de Paranapiacaba, por 25. Falecido há 17 anos, deixou registrado, em sua história, nobres feitos.

Do alto dos seus 91 anos de idade, ela ainda se considera uma sonhadora, que nunca desistiu de nada e encarou desafios com louvor, isso, desde sua infância. Bem jovenzinha chegou a ser preparada pela Cruz Vermelha,

para encarar a 2ª Guerra Mundial. Depois disso foi técnica de Laboratório na Santa Casa de Santos, e já casada, na Santa Casa de Santo André, aposentando-se nesta função, no Instituto Adolf Lutz.

Recentemente Silvia foi convidada para atuar em um projeto piloto para possível minissérie do diretor e roteirista Emerson Muzeli, onde fará o papel de uma memorialista (as gravações já tiveram início) e, além disso, lançará a 3ª edição de um dos seus livros, Saudades de Amar, composto por poemas de amor, com braço para o erotismo - segundo ela muito à frente do tempo em que vivemos - e, se isso não bastasse, lançará também em breve um livro que retrata a história de Paranapiacaba que, frisa, ninguém conhece.

O fato é que sua trajetória de vida, sem dúvida, renderia muitas páginas desta revista, o que não seria possível. Mesmo assim, neste espaço, MN dá ao menos uma pincelada na história desta fascinante figura, que vale a pena conhecer. Acompanhe.

Por Adriana Guimarães

MN – Dona Silvia, o título é muito sugestivo. Quando e onde será o lançamento da terceira edição do seu livro Saudades de Amar?

SHC - Será em breve, na Casa da Palavra Mario Quintana, em Santo André.

MN – Vamos falar um pouco da sua história. A senhora tem irmãos?

SHC - Nós éramos quatro filhos, três homens e uma mulher. Os três, mais novos que eu, já faleceram. Eu me chamo Silvia, porque mamãe assistia a um seriado (Os mistérios de Paris), e tinha uma menina que se chamava Sílvia, filha de um conde, e no dia em que nasci mamãe chorou muito, mas não de emoção por aquele momento, mas porque ia perder um capítulo importante do seriado que passava no cinema, que naquela época era mudo. Minha mãe conta que ficou furiosa em dar à luz justo neste dia (risos).

MN – Pode nos contar um pouco sobre seus pais?

SHC - É uma grande honra, pois sou quem sou graças aos pais que tive. Eles nasceram na Mooca, em São Paulo. Meu pai foi para Portugal com meu avô quando ele tinha seis anos, e voltou para o Brasil 13 anos depois. Meu pai nunca foi político, mas discutia as leis no sindicato, pois ele era muito inteligente e sempre estava na direção, fosse de clube, sindicato, igreja... Minha mãe passou fome, era muito pobre e o pai dela trabalhou com pintor em Paranapiacaba. Mamãe recebia mantimentos dos ingleses para cozinhar e dar comida para os engenheiros estrangeiros, que trabalhavam na estrada de ferro. Era uma maneira de sustentar os filhos, com a comida que sobrava.

MN – O que pensa sobre família?

SHC - É a coisa mais maravilhosa que existe. Uma pessoa que vive sem família, não vive, vegeta. Família é tudo! Os pais te criam para o bem, mas é você quem escolhe o rumo que quer seguir.

MN – E os filhos?

SHC - Tive dois, a Sílvia que é contabilista e o João, jornalista, e que infelizmente deixou este mundo aos 33 anos, devido a um câncer que não teve cura. Da mesma forma que recebi a educação dos meus pais, passei de uma forma ainda melhor para os meus filhos. A gente não tem certeza de nada com relação à educação deles; você passa a sua cultura, a sua educação, ensina o respeito, mas o mundo está muito pervertido. Hoje as escolas estão estragando as crianças, pois ninguém respeita mais a professora, que precisa do trabalho para o seu sustento. Crianças não vão para escola para serem educadas, mas para aprenderem. Foi assim que

eu fui ensinada. A educação vem de dentro, vem dos pais, e se os pais não têm pulso firme, acontece essa ignorância de hoje. E quem vai discutir isso, se vem lá de cima, de um governo que não pensa na educação?

MN - Se a senhora fosse professora, o que não poderia faltar na grade curricular?

SHC - Na realidade, eu já fui professora substituta por um período, e em primeiro lugar, penso que o respeito é fundamental. Para dar aula hoje, o professor precisa ter uma psicologia muito grande e ensinar com mais abrangência o que significa respeitar as crenças, valores e distintas raças com as suas devidas opiniões. E se os pais não cumpriram seu papel na educação de seus filhos, estes, por sua vez, precisam correr atrás.

MN - O que a senhora pensa sobre liberdade de expressão, no sentido em que jovens levantam bandeiras para provar que são livres?

SHC - As pessoas não precisam se mostrar na rua, mas podem ser o que quiserem, tendo a consciência de que a liberdade não está na falta de moral. Há jovens que fazem escolhas baseadas no grupo de amigos ou que defendem movimentos não a partir do que aprendeu, mas simplesmente para atender as tendências da sua 'tribo'. Por exemplo, eu tenho amigos homossexuais e gosto muito de todos eles. Eles sabem me respeitar e respeitam o ambiente em que vivem. A mesma coisa sobre ter cotas especiais para os negros. Precisaria ter cotas também para os amarelos, brancos... Que liberdade e direitos são esses?

MN – Qual sua opinião sobre a censura?

SHC - Tem livros que não deveriam ser lidos, mas a nossa censura não existe mais. Não temos mais governo que eduque e censure. Não é só podar o jornal ou censurar a política. A educação precisa voltar os olhos muito mais na parte sexual, mas isso no mundo inteiro se perdeu. E sabe de onde veio essa perdição toda? Da televisão. As pessoas enjoam muito mais do que antigamente, por conta de tantas opções. Vivemos outro tempo.

MN – E por falar em tempo, o que representava Paranapiacaba, nos anos 20?

SHC - Paranapiacaba era a renda maior de Santo André, porque era onde desciam os trens para Santos. Por conta disso tinha muito comércio, e na época, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra e Campo Grande também pertenciam a Santo André. Quando meu marido foi eleito vereador e houve um plebiscito, Ribeirão Pires e Mauá se separaram e ganhamos o Alto da Serra e Campo Grande. Antes era chamado Alto da Serra, por-

tanto, nós éramos serranos e não paranapiacabenses, como hoje.

MN – Como se divertiam?

SHC - Tínhamos clubes de golfe e de tênis. Os ingleses levaram essa cultura para lá e davam aula para os moradores, tudo gratuito. A qualidade de vida era muito grande. Não posso me esquecer de falar dos elegantes bailes, que eram tradicionais e reuniam moradores e os visitantes ficavam atraídos. Música e dança contornavam a vida das pessoas de lá, mas não só isso, também o futebol marcou a sua história, em jogos realizados na Vila. Daí surgiu o Clube Lyra Serrano e, com isso, músicos e artistas em geral foram chegando. Os ingleses na época acompanhavam suas esposas nos bailes e as crianças ficavam em um espaço próprio, cuidadas por outras mulheres, para que as mães pudessem aproveitar as animadas noites até o primeiro choro despontar e elas serem chamadas para cuidar de seus filhos.

MN – E o mercado de trabalho naquela época?

SHC - Tinham as estradas, os comércios, escritórios... Santo André estava em pleno crescimento e Paranapiacaba era quem dava mais impostos para o município. As pessoas que quiserem se aprofundar podem obter documentos na Associação Comercial e Industrial de Santo André. A estrada de ferro pagava muito bem os impostos; tínhamos comércio de roupas importadas, loja grande de calçados, açougue e muitas outras coisas que faziam do local, um espaço considerado nobre. Não faltava emprego para quem quisesse trabalhar. Hoje, não há uma boa estrada para levar mercadorias, e isso muda todo o cenário.

MN – O que almejava conquistar em sua vida naquela fase?

SHC - Eu sempre fui uma menina sonhadora, mas não sonhava em namorar, casar... Eu sonhava em viver o mundo, viajar. Eu dizia que ainda iria para Hollywood, ou Broadway... Papai dizia assim: "É fácil! Pega um burrinho aqui na estrada de Paranapiacaba, desce a serra, que logo você está na América do Norte". Ele brincava comigo porque eu era muito danada. Então, com este estado de espírito muito aventureiro, me inscrevi como enfermeira de guerra, voluntária, e sem nenhum preparo, apenas a vontade. Me chamaram e o primeiro curso que fiz foi de Braille, ministrado por Dorina Nowill, criadora da fundação que tem o seu nome, e da qual foi presidente até sua morte, aos 91 anos. Tive a honra de ser ensinada por ela, e depois de um tempo, junto com outras pessoas, fui responsável por um capítulo de um livro em braille. Foram grandes ensinamentos que tive durante um ano na Cruz Vermelha Brasileira,

aulas acompanhadas por médicos; aprendi a lidar com fraturas; fazer curativos, enfim, me capacitei porque a guerra já estava acontecendo e havia indícios de que o Brasil iria entrar, então, eles queriam pessoas preparadas. Quando eu me formei e estava de mala pronta para embarcar rumo à Itália, a guerra acabou. Um dia antes do embarque.

MN – Sua vida mudou de rumo? O que fez com tudo que aprendeu neste ano de Cruz Vermelha?

SHC – Aprendi muito, inclusive, no estágio que fiz como enfermeira soldado, na 2ª região militar. Lembro bem de momentos dos treinos em que passávamos por baixo dos arames farpados, ainda tenho as marcas nos meus dedos. Eu era aventureira, mas, sem dúvida, patriota. Quando acabou a guerra comecei a procurar emprego e, por sorte, eu viajava de trem e conheci o prefeito de São Vicente. Um dia, ele falou: “Você quer trabalhar na Santa Casa de São Vicente”? Cheguei em casa, contei para os meus pais e recebi todo apoio. Eu estava nesta época com quase 19 anos. Bom, eu tinha a recomendação de um prefeito e isso facilitou a minha entrada. No início eu ficava só na coleta de sangue, depois acabei trabalhando com febre amarela e outros casos gravíssimos na época. Como era muito namoradeira fiquei noiva de um rapaz no litoral, mas não deu certo, pois tinha o João lá na padaria, em Paranapiacaba, e eu ficava dividida. Apesar de não ter assumido nada com ele, me sentia comprometida desde a infância.

MN – Então, o seu marido João era amor antigo?

SHC - Quando eu nasci, João tinha 13 anos. Crescemos lado a lado, e ele sempre gostou de mim e falava para minha mãe que ia esperar eu crescer para casar comigo. Quando completei 16 anos começamos a nos aproximar, mas nenhum compromisso sério, até que fui para o litoral, e a ‘relação’ acabou esfriando. Mas, na realidade era um misto de sentimentos que eu tinha por ele e, também na época, pesava o fato de ele ser *beem* mais velho. Depois que voltei da Santa Casa de São Vicente, já rompida com o noivo de lá, decidi investigar mais a fundo o que significava o João em minha vida. Com isso começamos a namorar e, quando eu estava com 27 anos, nos casamos.

MN – Seu marido acompanhava o seu ritmo de vida?

SHC – Sim! Mas não era tão agitado como eu. Levava a vida mais tranquilamente. Meu sogro aprendeu a fazer pão em Portugal e quando chegou em Paranapiacaba foi trabalhar em um pequeno ‘bar’ que vendia pão, depois acabou comprando, pois o dono morreu e, com isso, passou a distribuir pão para a rede toda da

estrada de ferro. Meu marido ganhava o salário mínimo e eu, quando casei, fui morar no sítio, onde fiquei por seis anos.

MN - Como funcionava a política em Paranapiacaba neste período?

SHC - Os candidatos passavam de casa em casa para pedir voto, apresentavam o programa que pretendiam realizar pela cidade, e às vezes, se reuniam na minha casa ou na casa de amigos. Mas, sempre teve o ‘bendito’ do partido, que para mim é a pior coisa que existe. Como eu era uma boa datilógrafa escrevia os planos e impulsionava as ações necessárias, e meu marido mandava bem na política, tanto que foi sub-delegado, juiz de paz e vice-prefeito, e só largou essa vida cinco anos antes de morrer. Nós fazíamos a nossa política desse jeito. Político não recebia salário, somente vivia do trabalho dele (fora a política), e tinha como foco, o bem dos municípios. Nós tirávamos do nosso dinheiro para bancar os programas.

MN – Depois que saiu do sítio, continuou na Vila?

SHC – Após este tempo, viemos para Santo André. Foi quando eu conheci um médico parteiro e ele falava assim: “Sílvia, você é tão inteligente, tão ativa, você podia trabalhar como técnica de laboratório de análise”. Me arranjou emprego na Santa Casa e foi daí que eu parti para técnica de laboratório profissional, no Instituto Adolf Lutz, onde me aposentei. Nunca tive dificuldade de aprender o trabalho de enfermeira e nem de técnica de laboratório. No meu tempo, o Ginásio tinha formação técnica, e eu me formei em chapeleira e florista, diferente de hoje, não é?! Como técnica de laboratório trabalhei muito em hematologia; eu fiz bacteriologia e análises clínicas. Entendo de tudo isso e até discuto muito com os médicos.

MN – Como aliou o trabalho, em plena expansão, com o casamento?

SHC - Eu fiz do meu marido um jovem. Ele gostava de dançar, mas não era como eu. Puxava ele para os lugares e ele me acompanhava, pois o homem faz a mulher e a mulher faz um homem. Agora, se eu pego um marido que me fecha dentro de um casulo, eu viro uma mulher infeliz. Sempre consegui ser livre. O amor e os filhos sustentam um casamento. Sem amor, nada é possível. Os direitos são iguais e no meu casamento eu sempre soube levar meu marido e tivemos uma relação de muito respeito um com o outro. A mulher tem que estar preparada para, se o homem esmorecer, ela tomar as rédeas. Segredo para dar certo? Aceitação. Se hoje foi ruim, amanhã tem que ser bom, e se não der mais, separa, mas seja honesta, entende? Uma mulher

é capaz de tocar a vida sozinha com os filhos. Tem gente que casa e se separa em uma semana. Antigamente, as moças eram virgens até o dia do casamento, hoje, primeiro tem que ter relação sexual para saber se serve ou não. Daí, a mulher se desdobra em carinhos e coisas que até não deveriam ser feitas, mas fazem para prender o parceiro. Quando ela casa, ele vai procurar novas aventuras para ver se encontra coisas novas. Novos jeitos de se satisfazer.

MN – Soubemos que a senhora receberá uma homenagem de Paranapiacaba. É verdade?

SHC – Sim! Sala de Memória Paranapiacaba Sílvia Henrique Carrasqueira, que será inaugurada em abril de 2015, junto com o aniversário da cidade e, também, meu aniversário. Eu doei muitos documentos, fotografias, louças pintadas por mim, bordados, telas e até trabalhos em patchwork.

MN – O que pretende construir e alcançar daqui para frente?

SHC – Uma mulher da minha idade já não quer tantas coisas, mas no momento estou escrevendo o livro sobre Paranapiacaba, numa abordagem jamais vista. Falo das minhas origens e trago detalhes riquíssimos sobre a Vila; vou lançar também, como já disse, a terceira edição do meu livro Saudades de Amar, e pretendo relançar um outro, do qual participei com outros autores, *Olhares Narrativos*. Além disso, preciso dar conta de chegar até o fim das gravações do projeto piloto da possível minissérie, à qual fui convidada e já gravei algumas cenas. É... Devo assumir que ainda tenho muito trabalho pela frente (risos).

MN – Qual o segredo para tanta vitalidade?

SHC - Meus amigos acham que eu sou uma mocinha e me enchem de presente. Vou contar a última coisa. Nasci no mesmo dia que a Betty Boop foi desenhada. Sou fã dela. Minha mãe me chamava de Boopinha, pois sempre gostei de vestidos curtos, e naquele tempo só usava no comprimento dos joelhos, então, eu entrava na escola com a saia comprida e quando saía, enrolava na cintura. Gostava de mostrar as pernas. Não tinha pernas bonitas, mas gostava de mostrar. Ao longo dessa minha vida colecionei muitas bonequinhas Betty Boop que surgiam, e cada uma delas, com suas vestimentas, representa um pouco do que sou. Tenho todas guardadas. Acredito que ainda carrego a inocência desse tempo e observo que minha energia de viver é por conta somente das coisas boas que carrego em minha bagagem. Eu acho que vim para fazer tudo em uma vida só; portanto, precisa ser bem feito. Y